

ACESSO AO ENSINO SUPERIOR: BREVES REFLEXÕES SOBRE A EJA

Rosilda Souza Santorio¹

Gilvone Furtado Miguel²

Resumo

Este artigo apresenta resultados de um estudo bibliográfico em que se enfoca o difícil caminho a ser percorrido da Educação Básica ao Ensino Superior no Brasil. Trata-se de um panorama crítico-reflexivo sobre a situação de uma parte da população estudantil brasileira: alunado da EJA – Educação de Jovens e Adultos. O caminho metodológico percorreu obras e produções crítico-analistas acerca do Ensino Superior, levantando elementos que o identificam em sua estrutura e organização. Buscou-se, também, traçar o perfil dos alunos que ingressam na universidade brasileira. O objetivo é traçar uma visão panorâmica sobre os avanços e os desafios que são colocados para a sociedade de estudantes da EJA, quando se trata de ter acesso ao Ensino Superior no Brasil.

Palavras Chaves: Ensino Superior; Perfil discente; Educação de Jovens e Adultos.

Abstract

This article presents the results of a bibliographical study that focuses on the difficult way to be traveled from basic education to higher education in Brazil. This is a critical-reflective panorama about the situation of a part of the Brazilian student population: education of young people and adults. The methodological path has traveled to works and critical-analysts productions about higher education, raising elements that identify it in its structure and organization. We also sought to outline the profile of students entering the Brazilian university. The objective is to draw a panoramic view of the advances and challenges that are put to the society of students of the EJA, when it comes to having access to higher education in Brazil.

Key Words: the Higher Education; Student profile; Youth and adult education.

Introdução

Atualmente, dentre os debates sustentados no contexto da educação, há que se destacar o ensino superior na ciranda das discussões. Por um lado, é meta expressiva do governo brasileiro alcançar números na formação superior da população; por outro, ou melhor, na outra ponta, está a população de estudantes que desejam (até mesmo, sonham) em adentrar essa catedral do conhecimento que é a universidade. Logo, se põe a pergunta inquietante: se um planeja e o outro quer, porque não se realiza?

¹ Mestranda em Ciências da Educação – Universidad Del Sol - Paraguay

² Dra em Letras e Linguística.

Esse questionamento nos levou a refletir e identificamos um triângulo nessa situação. A universidade, como ícone do Ensino Superior, no pontiagudo do triângulo; o aluno, que pretende cursar o Ensino Superior, na base do triângulo e, entre esses dois polos, se encontra o ensino oferecido pela Educação Básica (Fundamental e Médio), que deve estar nas vértices ascensionais que simbolizam, nesta imagem, o percurso, o trajeto a ser percorrido rumo ao cume do triângulo. Essa imagem pode corresponder à pirâmide da ascensão socioeconômica do capitalismo. Mas vamos tratar, neste estudo, de questões educacionais associadas a um grupo especial da educação brasileira que tem caracteres próprios: a EJA – Educação de Jovens e Adultos – e seus sonhos de alcançar a universidade.

1- A educação superior brasileira

A educação superior brasileira está configurada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu Capítulo IV, artigo 43, que define as finalidades da educação superior, tais como: “estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; formar diplomados nas diferentes áreas do conhecimento, aptos para inserção nos setores profissionais e para participação no desenvolvimento da sociedade brasileira; colaborar na sua formação contínua” (BRASIL, 1996).

Ainda, no artigo 44, a LDB descreve que a educação superior deverá abranger cursos sequenciais, cursos de graduação, cursos de pós-graduação, programas de extensão e pesquisa (BRASIL, 1996). Sabe-se, contudo, que essa abrangência não é obrigatória nem é realizada por todas as instituições de Ensino Superior.

A educação superior está representada simbolicamente pelas universidades, que são as catedrais do ensino superior. A LDB, em seu artigo 52, conceitua:

Art. 52. As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por: I - produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional; II - um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado; III - um terço do corpo docente em regime de tempo integral (BRASIL, 1996).

O acesso ao ensino superior, no Brasil, ainda é elitizado, com poucas chances para quem vem do ensino público. No entanto, são vários fatores que intervêm nesse quadro.

Muitos deles são agregados ao conjunto de elementos que compõem a qualidade do ensino na educação básica.

Atualmente, a expansão do ensino superior ainda é pouco expressiva e pouco democratizada. A fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, tornou-se um marco, no cenário educacional, da organização sistemática do ensino superior no Brasil. Vale ressaltar que o pós-guerra colocou o Brasil numa condição de país que mais expandiu seu sistema de educação, não apenas do nível básico, mas também da educação superior. Martins (2000) afirma que o Brasil foi o país que mais expandiu o sistema educacional no período pós-guerra. Afirma, também, que o crescimento da educação superior no Brasil, alcançou uma média de 7% ao ano, nas últimas décadas. Nesse contexto, pôde-se perceber uma diversificação na forma de atendimento aos ingressantes, sobretudo na graduação. Contudo, Martins alerta sobre a crescente hierarquização institucional sem que haja o ajustamento da relação entre o projeto pedagógico das instituições e as reais características dos jovens e as necessidades do mercado de trabalho.

No contexto da educação superior, nas últimas décadas, houve a ampliação de vagas, por um processo de expansão, visando à inclusão da população, de modo geral, menos favorecida, o que gerou mudanças no perfil da população atendida pelo ensino superior. A partir do início dos anos 1990, a maioria das instituições de ensino superior foi originada no setor privado. Os dados apresentados pelo Censo do MEC, em 2005, demonstram a expansão das matrículas no ensino superior no país. De acordo com os dados do INEP, divulgados em 2003, acerca das notas obtidas pelas escolas de ensino superior, a qualidade do ensino-aprendizagem requer o aprimoramento dos processos de formação dos quadros profissionais que atuam no exercício docente para que se alcance a melhoria dos resultados e rendimentos dos alunos e, conseqüentemente, dos cursos, em especial, das instituições privadas.

Ao se tratar da formação docente, há que se destacar as exigências da universidade em relação à atuação do professor, ou seja, a realização de pesquisa e a formação e atualização docente de carreira são fatores que definem o perfil das universidades. A qualidade das pesquisas e a constante formação de seu quadro docente são indispensáveis para elevar e manter o nível da qualidade do ensino superior.

Outros fatores também interferem nos resultados finais avaliativos dos cursos, individualmente, e da universidade, em conjunto: “exige o domínio dos modos de produção do saber na respectiva área, de modo a criar as condições necessárias para o permanente processo de educação continuada” (Plano Nacional de Graduação, 1999), a qual é parte dos

deveres da universidade, em todas as áreas do saber. Agregado a isso, os cursos devem ser providos de criatividade e flexibilidade curricular e, também, metodológica visando a promover uma formação profissional mais adequada à sociedade atual. Muitas carreiras têm se mostrado cada vez mais abertas em diversos cursos, como é o caso da Informática, Comunicação, Mídias.

Enfatizando as alterações necessárias para a mudança educacional, Schwartzman (2006) aponta que a melhoria da qualidade da educação básica, bem como a democratização da educação superior, com a adequação da gestão dos recursos financeiros e o alcance da equidade de oportunidades serão mais efetivos à medida que os profissionais da educação sejam mais comprometidos, percebendo salários dignos, em relação de cooperação com os gestores educacionais e sejam envolvidos com atividades acadêmicas e intelectuais.

A universidade mantém intimamente um vínculo com a sociedade, especialmente no quesito função social associado ao modelo capitalista. Uma das especificidades dessa função, é apontada pelo Plano Nacional de Graduação (1999), como “modelo concentrador, que busca aproximar o país do padrão internacional pelo fortalecimento científico e tecnológico de determinados setores da sociedade, a partir do qual é aceita a exclusão de enormes segmentos sociais”, em outras palavras, é o modelo excludente. A outra especificidade é apontada como modelo includente, segundo o “qual o desenvolvimento deve ser igualitário, centrado no princípio da cidadania como patrimônio universal, de modo que todos os cidadãos possam partilhar os avanços alcançados” (PLANO NACIONAL DE GRADUAÇÃO, 1999).

De certa forma, a abordagem que se pretende desenvolver neste estudo refere-se ao modelo includente, ou seja, a EJA foi criada para promover a inclusão dos excluídos do processo educacional brasileiro.

2. Perfil do aluno da Educação Superior: indícios da educação básica

A mudança do perfil do aluno do ensino superior no Brasil enquadra-se em circunstâncias que implicam na existência de cursos com perfis mais flexíveis e menos fechados em si, mas que sejam capazes de contribuir para o desenvolvimento de competências mais gerais e, nas áreas do conhecimento e trabalho, favorecerem o ingresso em campos de trabalho que não sejam tão restritos, além de contribuir, também, para o

desenvolvimento da pesquisa e a valorização do diálogo da universidade com o mercado e a sociedade, na troca de conhecimentos e na aplicação das teorias na prática.

Para reconhecer os impactos dos egressos da educação superior na sociedade, é preciso perceber as mudanças nas práticas sociais, seja no mercado de trabalho ou no comércio, seja nos modos de vida em comunidade ou na família, seja na gestão financeira, enfim, em todas as áreas que a universidade forma profissionais e desenvolve tecnologias ou metodologias. Entretanto, não se pode reduzir a atuação de cada área em si mesma, desagregando cursos de graduação, mas reforçando uma abordagem mais interdisciplinar, tanto do ponto de vista dos conteúdos conceituais, quanto dos procedimentais e metodológicos. Assim, resta aos docentes do ensino superior confrontarem o grande desafio de garantir uma formação acadêmica sólida, baseada na intelectualidade e no desenvolvimento do espírito científico da investigação da realidade mediante as perspectivas do futuro, formando o profissional que a sociedade requer.

Não obstante o crescimento do número de matriculados³ no ensino superior, bem como a abertura dos campus no interior, a expansão da educação superior experimentou um acelerado crescimento no início da primeira década do século XXI, entrando em declínio na metade desse período (2000 – 2010). Os índices divulgados pelos órgãos oficiais do governo demonstram que há, claramente, um reflexo dos resultados do Ensino Médio marcando essa demanda. Entanto, há que se destacar que o atendimento dessa população foi feito, quase na totalidade, pelas escolas superiores de natureza privada, que aproveitaram os benefícios da proposta do governo, em relação ao abatimento dos impostos a cada aluno matriculado (PROUNI, por exemplo). Esse perfil, no entanto, não é exclusivo do panorama de egressos do Ensino Médio, mas é composto, também, pelos ‘excluídos’ da educação. No Brasil, há mais de 25 milhões de jovens entre 18 e 24 anos – idade regular para o ensino superior – que ainda não tiveram a oportunidade de ingressar na universidade. Esse contingente de estudantes já concluiu a escolarização média e estagnou compondo a mão-de-obra sem qualificação e, portanto, barata.

Dessa perspectiva, a expansão da educação superior prima pelo caráter quantitativo, enquanto que a qualidade do ensino depende, em parte, do nível do Ensino Médio refletido no domínio do conhecimento trazido pelos ingressantes oriundos da educação básica. A

³ O aumento expressivo de matrículas chegou a cerca de 140% entre os anos de 1997 e 2006. Porém, em 2010, o crescimento medido nas matrículas foi de 5%, menor que nos anos do início da década, nos quais, já em declínio, chegava aos 15% (MEC, Brasil).

educação brasileira vai mudar o perfil do seu aluno quando a Educação Básica for vista mediante o perfil que se quer dos seus egressos para que possam ingressar, realizar e concluir o curso superior, conseguindo trilhar seu percurso no ensino superior, bem como, posteriormente, na vida em sociedade como profissional preparado.

Assim, o foco recai na Educação Básica, mais especificamente no Ensino Médio. No Brasil, várias foram as iniciativas oficiais para debelar o analfabetismo e, posteriormente, para trazer à escola os adolescentes e jovens que se encontravam fora dela. Nesse cenário, a maior ocorrência que justificava a evasão ou abandono dos estudos era a necessidade de trabalhar para se sustentar ou ajudar a família no sustento do lar. Mediante essa realidade, foi criada a EJA – Educação de Jovens e Adultos – como uma das tentativas de sanar tal déficit educacional.

3. Da EJA ao Ensino Superior

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que atende a todos os níveis da Educação Básica do país. Essa modalidade é destinada a jovens e adultos que não deram continuidade aos seus estudos e para aqueles que não tiveram o acesso ao Ensino Fundamental e/ou Médio na idade apropriada. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), em seu artigo 37º § 1º diz:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos no Ensino Fundamental foram publicadas em três segmentos e estão disponíveis no site do MEC. O currículo para a EJA no Ensino Médio utiliza como referência a Base Nacional Comum, que deve ser complementada por uma parte que atenderá a diversidade dos estudantes.

A EJA surgiu como uma das melhores propostas de atendimento ao alunado excluído da escola, dando-lhes a oportunidade, com apoio, de retomar a sua escolaridade e progredir em sociedade. Porém, são muitos os preconceitos que as pessoas que frequentam essa modalidade de educação têm de enfrentar. Urge estabelecer o diagnóstico da EJA,

identificando as lacunas do ensino e as incapacidades docentes, por má formação e/ou despreparo metodológico. Urgente, também, é traçar o perfil do estudante da EJA. Já sabemos que esses alunos são comprometidos com a aprendizagem, valorizam a educação, portanto estão lá por que desejam e/ou precisam; apresentam desempenho satisfatório no mercado de trabalho, assim como na continuidade dos estudos, inclusive no Ensino Superior.

Na prática, o professor da EJA deve ter a percepção de que vivemos numa sociedade de prementes transformações, que também geram mudanças nas pessoas, tanto como indivíduos, quanto como agentes sociais. Os envolvidos na educação – alunos e professores – escolar vivem neste constante ajustamento. Segundo Freire, a identidade do educando não é moldada na escola, mas é feita de toda experiência que gera conhecimento nas próprias condições em que ele vive:

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, ao seu ser formando-se, a sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhecesse a importância dos ‘conhecimentos de experiência feitos’ com que chegam à escola. O respeito devido ao educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola (FREIRE, 1996, p. 64).

A proposta de Freire é de que o projeto pedagógico seja definido a partir da realidade e das condições de vida da comunidade atendida pela escola. O método estabelece que o professor agregue os conteúdos à realidade do aluno, conheça a aplique processos e instrumentos adequados de avaliação, desenvolva dinâmicas que despertem o interesse dos alunos e pratique uma linguagem acessível a todos. Dessa forma, o docente estará desenvolvendo uma didática comprometida com a participação dos alunos e associada aos objetivos da disciplina, alcançando a excelência do ensino-aprendizagem.

A proposta freireana deve ser tomada como as bases do trabalho da EJA para que o alunado, que se encontra fora da escola, veja sentido em voltar a frequentá-la. O perfil deste aluno, de modo geral, contém a marca daquele que ficou longo período sem estudar e/ou está fora da idade regular, levando-o a ter dificuldades no aprendizado, muitas vezes, por não conseguir adaptar-se aos métodos de ensino. Enfatiza-se que a construção do conhecimento acontece como resultado de uma interação mediada por várias relações, pela mediação feita por outros sujeitos em várias circunstâncias sociais, podendo haver discrepância enorme entre as experiências de vida e o processo escolar de ensino e aprendizagem.

Os indicadores do INEP atestam a distância entre o ensino-aprendizagem da Educação Básica e o acesso e permanência no Ensino Superior. As iniciativas para sanar o déficit educacional da educação brasileira, especialmente do Ensino Médio para a universidade, incluem a EJA.

Mediante o exposto, vale refletir sobre as propostas pedagógicas curriculares e a prática da Educação de Jovens e Adultos, analisando a relação entre o modelo curricular explicitado no PPP da escola e as metodologias aplicadas em sala de aula.

Considerações finais

Avanços consideráveis marcam a educação superior no Brasil nas últimas décadas. O acesso às vagas já não são mais restritas a uma elite; houve a expansão dos campus pelo interior do país; e os últimos anos têm sido marcados por intensos debates sobre o sentido e o significado das universidades no sistema educacional brasileiro. Entre outros aspectos, o perfil do aluno do ensino superior depende, também, do conjunto dos resultados provenientes da educação básica, mais especificamente do ensino médio.

Os dados obtidos pelo INEP nos levam a refletir sobre a atuação docente, pois muitos alunos tem acesso ao Ensino Fundamental, Médio e Superior, mas ainda estão distantes do padrão de qualidade desejável pelo país. A expansão do número de escolas de ensino superior demanda um grande esforço no sentido de se estabelecer padrões de funcionamento e investimento, de modo que permaneça assegurada a missão de pesquisa que deve ocorrer no ensino superior, resguardados os preceitos legais, o que implica, sem sombra de dúvidas, na construção de uma identidade pedagógica, administrativa e institucional das universidades.

Muitos são os desafios que temos a enfrentar, no entanto, já existem sinais que demonstram os avanços conquistados; entretanto, um melhor padrão de qualidade é algo a ser alcançado com políticas educacionais eficazes e contínuas tanto na Educação Superior quanto na Educação Básica.

Pesquisas são propostas e iniciadas a cada na área educacional. Fica aqui a sugestão para novas investigações enfocando o trajeto da EJA à universidade.

Referências bibliográficas:

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. Levantamento estatístico sobre o Ensino Médio e Educação Superior. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

MARTINS, C. B. O ensino superior brasileiro nos anos 90. In: Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo: 2000, mimeo.

PLANO NACIONAL DE GRADUAÇÃO- Disponível na Internet: <http://www.unicamp.br/prg/forgrad>

SCHWARTZAN, S. Os desafios da educação no Brasil. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.